

Trauma em Lacan – Troumatisme¹

ROSA JENI MATZ*

Estamos numa época de traumatismo. Rever a teoria do trauma torna-se fundamental para a psicanálise, devido às urgências que irrompem do real ao sujeito neste momento cultural, político, econômico.

De origem, em Freud, o trauma sexual foi generalizado. Mas, passá-lo para nosso momento histórico é pensá-lo sem a categoria do sujeito (sujeito do desejo), pois o traumatismo, segundo a teoria lacaniana, aponta para o mecanismo de forclusão, *Verwerfung*, o que não foi simbolizado, reaparece no real. Lacan fala em *troumatisme*, neologismo criado por ele, devido ao furo do Outro, o buraco, o vazio, a não resposta; o sujeito então realiza um *truc*, “truque”, podendo o sujeito inventar uma resposta pela via da fantasia, dando forma à sua realidade. Onde não há simbólico surge o desamparo, irrupção do real, cujo afeto é a angústia, afeto que não engana, sendo a invenção da resposta do sujeito será feita por um caminho singular.

Lacan inventou o neologismo *troumatisme* no Seminário 21, *Les non-dupes errent* (LACAN, 1973-74), encontro primeiro que faz trauma no corpo, encontro que separa o sujeito de seu primeiro objeto, inscrição de uma marca inicial da linguagem, através da castração do gozo. Esse traumatismo de estrutura é uma ameaça inevitável de nos devolver todo acontecimento que advém do real de modo violento no campo de gozo, no corpo, de romper violentamente o véu da fantasia, escudo protetor, que evita a ruptura vinda do real do desamparo.

1. Este artigo é uma versão do trabalho apresentado no Mutirão do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro em 2024 sobre o tema *Traumatismos da ordem vital e princípio da realidade*.

* Psicanalista. Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Professora e supervisora SPA do curso de pós-graduação em Transtornos Alimentares CCE-PUC-Rio.

Freud no século XIX acentua, através dos sintomas histéricos, o trauma sexual, pensando a sua origem na vida infantil. De início pela hipótese de sedução – sedução pelo pai, como Freud dizia. Depois, o trauma seria inventado pelo sujeito: era uma fantasia, surgindo a teoria da fantasia, que poderíamos pensar num trauma do imaginário, uma outra realidade construída, a realidade psíquica. Nas *Conferências Introdutórias à Psicanálise* (FREUD, 1917), na parte três, *Teoria geral das neuroses*, Freud afirma que o trauma é de natureza sexual. Freud se refere às três cenas traumáticas: sedução, coito parental e castração. Mas, ao falar de fixação libidinal, Freud se afasta do imaginário, pois se refere a um gozo pulsional, trazendo o conceito de “séries complementares”, enfatizando as disposições inatas, peso da natureza e da filogênese, herança ancestral da história do sujeito, e os acidentes da biografia do sujeito, ambos pertencentes ao registro do real.

Em *Além do princípio do prazer* (FREUD, 1920), o problema econômico do trauma é enfatizado: a quantidade de excitação impossível de dominar pelo sujeito, e o conceito de compulsão à repetição. A excitação, quando contida pela cadeia dos significantes, está no registro do simbólico, que responde ao princípio do prazer. Freud distingue a excitação interna, excitação sexual, se referindo ao trauma sexual, e as excitações externas que são diferentes agressões vindas do exterior ao corpo vivo. Afirma: “Descrevemos como ‘traumáticas’ quaisquer excitações provindas de fora que sejam suficientemente poderosas para atravessar o escudo protetor”. Seria uma grande ruptura causada no escudo protetor.

No texto *Inibição, sintoma e angústia* (FREUD, 1926), a ênfase no real é confirmada, pois ocorre aí uma inversão na teoria da angústia. A angústia não é, como antes afirmado, consequência do recalque. A angústia é causa do recalque. Também a angústia é o afeto do sujeito em relação ao trauma. A angústia surge ao advir uma situação de perigo, um perigo real, pelo aumento da excitação corporal e psíquica que o sujeito não consegue dominar, sendo o afeto de confronto com este perigo. O perigo real pode ser atual, *angústia real*, e o perigo pode ser lembrado, *angústia sinal*, que tem a função de preparar o sujeito para o perigo. A angústia sinal remedia a surpresa que inclui o trauma, prepara o sujeito para o perigo. A situação de perigo se distingue da situação traumática. A situação de perigo supõe que

o sujeito tenha vivido a situação traumática, então antecipa o retorno da situação traumática, e a angústia sinal entra em ação.

O trauma relacionado ao inconsciente, inscrito no inconsciente, trauma que pode ser esquecido. Mas, os traumas da civilização podem ser esquecidos? Os traumas das guerras se caracterizam pelo esquecimento impossível. Colette Soler apresenta em seu livro *De um trauma a outro* (SOLER, 2021) uma afirmação importante sobre o esquecimento impossível dos traumas da cultura, surgindo uma questão: Será que a “cura”, a direção do tratamento dos neuróticos de guerra, do estado de traumatizado, àqueles que sofrem calamidades invasivas, seria desenvolver a possibilidade de esquecimento, de constituição de uma memória?

A situação de desamparo, “golpe do real”, é um ponto de foraclusão, onde não acontece uma inscrição, nenhuma intervenção do simbólico, nenhuma memória, seria o encontro com o impossível.

Lacan não faz objeção à tese freudiana do núcleo sexual traumático. Estenderá para o falante o trauma próprio do homem, trauma sexual, trazendo o aforismo “não há relação sexual”, *rapport*, proporção, afirmando uma ausência genérica e central, algo que falta, que não faz Um, como o discurso de Aristófanes no diálogo *Banquete* de Platão.

Lacan através do conceito de Outro, lugar vazio, lugar da linguagem, se refere ao Outro traumático, deslocando o fato traumático de Freud para a condição de linguagem. Cada trauma supõe a incidência do gozo, aumento da excitação, gozo do falasser, *parlêtre*, que não cai totalmente sob o efeito da linguagem. Mas o gozo ao cair introduz a perda, a parcialidade, sendo que o discurso ordena o gozo que resta. O real escapa, e o discurso tenta fazer um invólucro, logo o gozo do falante é sempre um gozo colonizado, como diz Lacan.

Mas qual o lugar da palavra no nível do trauma? O Outro intervém com o que lhe falta, significante da falta no Outro, um furo, sua lógica comporta um furo, um vazio, intervindo com o que lhe falta, não é completo. Lacan diz *troumatisme*, que é o furo no Outro, lugar do trauma, de todo trauma. O traumatismo tem uma estrutura de foraclusão, de real. Devido ao traumatismo, o discurso do Outro deixa a existência e o sexo à uma facticidade insensata, sem sentido, por não os inscrever, a falta no Outro, o significante

de A barrado, significante de exceção, representando aquilo de impensável, de não representado, ser do gozo, a Coisa, *das Ding*. O foracluído, real do gozo, irrompe sob a forma da vida ou sob a forma do sexo.

Daí o título do nosso encontro, *Traumatismo da Ordem Vital*. O furo traumático traz para todos nós aquilo que somos como Coisa. Lacan no Seminário 7, *A ética da psicanálise* (LACAN, 1960), realiza uma releitura do *Entwurf* de Freud, *Projeto para uma psicologia científica* (FREUD, 1895), onde *das Ding*, a Coisa, é pensada como o primeiro exterior, estranho. Outro absoluto do sujeito, fora-do-significado. A estrutura do furo traumático se encontra em cada falante, presentificando o afeto da angústia. No Seminário 10, *A angústia* (LACAN, 1963), Lacan se refere ao estranho, e denomina “a casa do homem” como lugar do trauma, lugar onde a angústia emerge através de figuras sinistras, de hostilidade. Diante do vazio desconhecido é esperado o pior, o sujeito se evanesce, e surge o objeto não representado, objeto *a*, destituição subjetiva. Na casa do homem sou objeto, não sei o que sou para o Outro. *Che vuoi?*

A fantasia é um elemento para lidar com esse furo. Para Lacan a fantasia organiza a realidade ($\$ \langle > a$), é um dos nomes da realidade, tampona a hiância do Outro, envelope do desejo, sustentando o desejo, colocando no vazio, causa do desejo um objeto que pode ser objeto do desejo, podendo fazer do furo do Outro uma solução, mas não reduz totalmente a angústia, podendo surgir fantasias no sujeito de ser comido, exterminado, etc.

Em 1972 ocorre uma virada na transmissão de Lacan, no Seminário 20, *Mais, ainda, Encore* (LACAN, 1972) ao afirmar que a linguagem é uma elucubração sobre *lalíngua*, *lalangue*, lalação. O termo se refere ao balbúcio do *infans*, ainda não fala, som desconectado do sentido, mas satisfaz o gozo da criança. Em uma única palavra *lalíngua* mostra a ligação inicial da criança com a mãe, a língua materna, escutada conjuntamente com os cuidados do corpo Além do inconsciente linguagem que pode ser decifrado, transferencial, surgem significantes intrusivos, um saber separado do sujeito, ênfase da *lalíngua*, inconsciente real. Ao receber a linguagem do Outro, ocorre na criança uma impregnação da linguagem, surgindo detritos. Nesta água da linguagem, diz Lacan, a sua fluidez, estão os estilhaços do real, fora do sentido, do Um sonoro recebido pelo ouvido. Há uma diferença de impacto

da incidência da palavra do Outro, da linguagem do Outro, para *lalíngua*, língua ouvida do Outro, passagem do simbólico para o real.

Traumatismos, então, se referem às marcas subjetivas, rupturas produzidas pelo infortúnio, pelo excesso vindo de fora, que assaltam o sujeito ou o seu corpo repentinamente. O sujeito se refere a um acontecimento real que cai sobre ele, impossível de prever e responder, destituição subjetiva, mortificação do desejo, *distiché*, um mau encontro com o real.

Atualmente encontramos amplas conjunturas traumáticas, traumatismos das guerras, traumatismos do terrorismo, abusos sexuais, violência nas cidades, catástrofes naturais. Na psicanálise, ocorre uma reviravolta para pensar o trauma, pensando mais sobre os traumatismos não sexuais, que são acidentes da história tanto individual como coletiva. O discurso capitalista atual é produtor de traumatismo, não faz laço social, desfaz os laços sociais. O capitalismo liberal, atravessando a barreira do pudor, sem limite algum, onde o afeto da vergonha se presentifica cada vez mais, e o benefício utilitarista da autopromoção avança. Hoje o “laço” do indivíduo é com objetos, objetos denominados por Lacan de mais-de gozar, próximo ao conceito de Marx de mais-valia. Objeto de produção e de consumo ao infinito. O capitalismo não faz par, não une os indivíduos, ocorre a redução do sujeito ao seu corpo. Lacan se refere ao proletário, em *A terceira* (LACAN, 1974), homem da Roma antiga, cidadão da última classe social em Roma. O proletário que fazia par com o capitalista (modificação do discurso mestre-escravo) em Marx, agora é sem par, exposto a situações de desamparo, a uma situação traumática, é o abjeto, aproximando da sua posição na Roma antiga, como aquele sem recursos, só fazedor de filhos. Hoje os indivíduos são proletários, numa solidão imensa, e não inscritos em laços sociais.

A época dos traumatismos é a época da solidão, do anonimato, da anomia, da precariedade, do sem-sentido, formas de gozo, devido à claudicação da causa do desejo. O sujeito do inconsciente, sujeito do desejo, é apagado pelas formas de gozo. O sem-sentido, o *non-sense* do real impera no mal-estar, onde a angústia tapa o desejo.

No artigo *Psicologia das massas e análise do eu* (FREUD, 1921), apresentado por Freud e comentado por Jurandir Freire Costa em seu livro *Além do princípio do pudor* (COSTA, 2023), Freud pensa sobre argumentos de Gustave Le

Bon e McDougall. Freud apresenta três traços na constituição das massas: onipotência, contágio e sugestibilidade, respectivamente em psicanálise, introduzidos por Jurandir Freire Costa, como megalomania irresponsável, diluição ou perda de contorno das fronteiras do ego, e renúncia ao próprio desejo e rendição total ao desejo do Outro. Freud busca saber que forças atuam no surgimento do sintoma “massa”. Afirmar que estas forças “são traumatismos que desorganizam culturas já estruturadas”. Surge então a questão: que tipo de traumatismo seria capaz fazer um indivíduo psicologicamente integrado regredir ao modo de satisfação erótica das massas? Freud responde: primeiro, devido ao desamparo social, o abandono, o vivido como aniquilação, face exterior que aponta para o gozo do Outro e o gozo masoquista, e segundo a ameaça de fusão com o outro, narcisismo primário, ambos revelando uma dependência ao pai onipotente. Jurandir Freire Costa desenvolve hipóteses, questões e respostas, relacionadas ao tema do narcisismo que surge a partir do texto de Freud sobre as massas, relacionando-as com os impasses contemporâneos do narcisismo: clausura narcísica: devido ao sentimento de abandono; destituição narcísica: os despossuídos, os precarizados, os migrantes perdidos; expropriação narcísica: usurpação do gozo do opressor, rivalidade narcísica: ressentimento, frustração da massa democrática na disputa de reconhecimento, e a mascarada da onipotência narcísica: relacionada ao aumento dos movimentos de massas da direita extrema.

Atualmente encontramos uma multidão inconsistente, aglomerado sem laço de libido, anônima, de corpos. O capitalismo se manifestando como efeito de segregação. A segregação trata as diferenças culturais não pelo simbólico, mas pelo real do espaço, pela presença de muros, asilos, prisões, condomínios de luxo, etc. Os traumatismos se multiplicam, devido à desterritorialização, operação do capitalismo, que Deleuze e Guattari (1980) sempre enfatizaram, para novamente reterritorializar, espalhando resíduos, sementes de gozo, invasão bruta do real, deserto de gozo.

O afeto da angústia irrompe massivamente na clínica psicanalítica contemporânea. Como afirma Colette Soler: “uma psicanálise - e ela só tem início se a questão do trauma como causa primeira for colocada -, uma psicanálise faz derivar o gozo a partir do seu primeiro significante”.

A psicanálise pensa o traumatismo, o furo, na sua relação com o inconsciente real.

Mai 2025

Rosa Jeni Matz

rosajmatz@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil

Referências

COSTA, J. F. *Além do princípio do pudor*. São Paulo: Zagodoni, 2023.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti - Édipo*. Lisboa: Assirio & Alvim, 1966.

_____. *Mil Platôs*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

FREUD, S. (1920). *Além do princípio do prazer*. Rio de Janeiro Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. (1921). *Psicologia de grupo e a análise do ego*. Rio de Janeiro Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 18).

_____. (1926). *Inibições, sintomas e angústia*. Rio de Janeiro Imago, 1969. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 20).

LACAN, J. *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991.

_____. *mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

_____. *A terceira*; Teoria de la língua. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

_____. *Les non-dupes errent*. Inédito

SOLER, C. *De um trauma ao Outro*. São Paulo: Blucher Ed., 2021.

_____. *Adventos do real*. São Paulo: Aller, 2021.